

NOSSAS BELAS HISTÓRIAS.

Quando desenvolvemos pesquisas é comum encontrarmos relíquias históricas e esse texto que transcrevo, num misto de emoção e orgulho, encontrei na edição de 11 de agosto de 1932, do Jornal da Manhã e dado o valor da publicação, fiz questão de manter a grafia da época. Esse jornal fundado por Fernando Caldas e Martins M. Guilayn, circulou em Porto Alegre de 12 de outubro de 1930 a 30 de abril de 1937.

HONRA AO HEROE.

O bravo Sargento não deixaria desmerecer as tradições de bravura com que o Rio Grande do Sul escreveu as suas melhores lendas de civismo.

A sua farda, demais, é a da Brigada Militar. A corporação militar gaúcha, pela ação dos seus quadros efectivos e pela dos de reserva, ou provisórios, é um orgulho da raça e, hoje como hontem, bate-se com brios nunca excedidos.

Os grandes chefes militares pedem, a cada momento, a promoção dos seus officiaes. “Nunca imaginei, disse o coronel Argemiro Dornelles, comandar, em minha vida, homens tão valentes!”

O general Waldomiro Lima, num dos movimentos fulminantes com que amplia a eficiencia dos seus exércitos, ocupava Bury.

Desdobrado o combate em vários sectores, a confusão sobreviéra, num ambiente alucinante, de metralha e de aço.

Hora dos grandes lances de audácia, das victorias do sangue frio.

Uma trincheira abandonada fez trabalhar, febrilmente, a imaginação do corajoso soldado.

Tomada a resolução heroica, não vacilou um instante. A sua ordem de comando foi rápida, clara, decisiva. Poucos momentos depois, seguido de sua companhia, flôr de valentes, como ele, ocupava a trincheira.

Mal se via a cabeça dos seus homens e ele, simulando força adversária, dava as costas à segunda linha de trincheira, donde os paulistas continuavam a fuzilaria.

Num determinado momento ouviu-se a voz de um oficial: “Eh que faz ahí?” O sargento contesta, atropelando as palavras: “Pois não vê? Occupo a trincheira! Como deixaram-na abandonada?”

O paulista comanda, por sua vez, a própria companhia. Correm, velozes, rumo à posição do sargento. Cáem na trincheira, para serem imediatamente feitos prisioneiros pelo gaúcho taura.

Mas, já agora, era preciso prosseguir.

A lucta continuava, numa vertigem.

Salta o sargento fóra da trincheira e se dirige, afoito, para a frente. A uns trinta passos da outra, vê um capitão que soergue meio corpo e brada, vacilante no seu assombro: “Alto! De que força é?” “Da Brigada Militar do Rio Grande do Sul !” O capitão descarrega o revolver. Mas, como um raio, estava o sargento junto dele, pistola contra o peito, gritando: “Vamos! Rápido! Apite, mande formar, desarma a companhia ou mato-o!”

O oficial obedeceu; e, segundos depois, quase toda, porque fugiram alguns soldados, estava prisioneira do heroico sargento e da sua gente destemida!

Em meio da gloria foi-lhe dura a sorte. O seu destemor fez com que uma bala lhe fracturasse o braço direito. Passou o revolver para a mão esquerda e seguiu peleando. Nova bala fracturou-lhe o braço esquerdo.

Teve de dar baixa. Chegou ante-hontem a Porto Alegre e no hospital em que se encontra sofre mais por ter deixado os extraordinários companheiros do que da dor dos ferimentos.

Chama-se Miguel Barbosa das Neves e é sargento do 1º Batalhão da Brigada Militar.

Honra ao heroe.